



GT 08. Antropologia das Emoções

Coordenador(es):

Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Raphael Bispo dos Santos (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Sessão 1

Debatedor/a: Eduardo Moura Oliveira (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Monalisa Dias de Siqueira (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3

Debatedor/a: Ceres Gomes Víctora (UFRGS)

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidade. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer.

A feminilidade como humanidade e a Guerra como conhecimento venenoso: Análise da obra ?A guerra não tem rosto de mulher? pela perspectiva da antropologia das emoções

Autoria: Laura Mostaro Pimentel (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

No presente work proponho uma análise das relações entre gênero, momentos extremos da vida e memória através de uma leitura pela antropologia das emoções da obra ?A guerra não tem rosto de mulher?, da jornalista ucraniana Svetlana Aleksievitch. Nesta se misturam elementos de literatura, relato histórico e jornalismo, apresentando a autora narrativas das experiências vividas por mulheres que integraram o Exército Vermelho na II Guerra Mundial. Os momentos de ingresso na guerra, vida no combate e retorno à vida civil são marcados na vida dessas mulheres pelas mudanças de comportamento exigidas, estando presente a tensão entre o sujeito genericado feminino e a situação de guerra, socialmente lida como masculina. A experiência contraditória de viver como mulher em uma situação não compreensível como parte da lógica feminina e os trânsitos temporais entre o momento presente e o passado relatado são então explorados através de categorias da antropologia do sofrimento, como gestão da memória (Pollak, 2010), evento crítico e conhecimento venenoso (Veena Das, 1995; 2011), possibilitando que se reflita sobre o uso de narrativas de construção de feminilidade como estratégia de resgate de humanidade na situação da guerra e como essas memórias e experiências foram manejadas após o término desta.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: